

## "PORTUGAL TEM SABIDO ESTABILIZAR O COMPROMISSO COM A EUROPA"

Pires de Lima assume que o momento é de fragmentação na Europa, mas considera que Portugal é um bom exemplo de relação com a UE

### Na Europa, estamos a caminhar mais para Macron ou mais para Orbán?

Aritmeticamente, não sei dizer. Diria que há uma terceira via: a holandesa, com forte no Norte da Europa. A Liga Hanseática é um contraponto ao diretório franco-alemão. Não é inocente a vinda de Macron a Espanha e a Portugal. Ele precisa de geometrias compensatórias que lhe deem capacidade de afirmação com Berlim e com o Norte da Europa. O que me parece é que o caminho Viktor Orbán é apetecível para o Sudeste europeu, Balcãs... Há muitos partidos a crescer avassaladoramente em várias eleições. O momento é de fragmentação.

### É mais fácil chegar ao poder.

Muito mais. Chegar ao poder ou influenciar a legislação. No caso da Zona Euro, para que as reformas aconteçam, é necessário ter a Itália a bordo. Nesse sentido, é uma vitória de Orbán e de outros.

### Matteo Salvini será o novo paladino da onda populista europeia?

Estou muito pessimista. Quando temos a terceira economia do euro, onde os partidos estruturais têm um discurso envergonhado sobre os méritos da integração da moeda única... Isso influencia a política eslovena, grega, croata. Muitas Eslovénias, Eslováquias e Hungrias fazem da Europa algo totalmente diferente. Por exemplo, não falamos de Malta, mas Malta concentra tudo o que é mau na integração europeia. Conflitos de interesse, rotativismo entre política e alta finança, falta de transparência económica, assasínios de jornalistas... A desvalorização dos pequenos Estados tem sido um erro no debate europeu. Portugal, não sendo propriamente

pequeno, tem sabido, com sensatez política, encontrar formas de estabilizar o seu compromisso com a Europa, através de maiorias parlamentares, do Presidente, da sociedade. É um bom exemplo de consolidação desse espaço.

### Um dos principais receios sobre esta solução governativa eram as posições do PCP e do Bloco sobre a Europa. Hoje, isso não é uma questão.

O PCP não é destituído de inteligência política e sabe que esse argumento não colhe na sociedade portuguesa. É um argumento de medo. Não faz sentido que um partido que sustenta a governação pós-Troika venha com um papão que inviabiliza qualquer sucesso. O PCP não aumenta a sua base eleitoral se fizer do antieuro ou anti-NATO o seu cavalo de batalha eleitoral.

### É interessante que a aposta no antieuropeísmo parece, afinal, vir da direita, caso se confirme esse perfil no novo partido de Pedro Santana Lopes.

A personagem Santana Lopes percebeu os vários mercados eleitorais da Europa e encontrou aqui um nicho. Agora, apresenta-se ao mundo como um eurocético desde a primeira hora e como alguém que está há anos a alertar para os perigos da imigração. Nunca falei de uma coisa nem de outra. Nunca levei Santana Lopes a sério e não seria agora que o iria fazer. Acho que não há espaço na sociedade portuguesa para isso, e ainda bem. Um dos bons exemplos de Portugal na Europa é que a oferta no mercado partidário estabilizou e dá garantias de estabilidade aos cidadãos. Nos tempos que correm, isso é bom. Podemos dizer que aquilo que o PSD oferece é uma estabilidade anacrónica, mas

isso é um problema da estrutura dos partidos. Em relação a temas europeus, estabilizou.

### Hoje, a Europa tem de conciliar um Grupo de Visegrado, a nova Liga Hanseática, a velha divisão Norte-Sul... As relações complexificaram-se muito?

Sim. E isso traz um desafio de organização e funcionalidade à União. Não é possível que todos estejam em tudo. Temos partidos antissistema com muita força e falta de coordenação, o que leva a que os vários regionalismos europeus moldem o processo de decisão. Nem todos estão de acordo com a gestão que a UE faz das várias crises. Não gostam de ver dois ou três Estados a comandar, houve a invasão da Crimeia... Os Estados do alargamento não confiam na França ou na Alemanha, para lhes garantir a segurança nacional, quando a Rússia invade um território.

### A Europa deve manter as suas linhas na areia ou acomodar novas sensibilidades populistas?

Deve manter as linhas. A grelha de princípios sobre a qual a Europa foi construída.

### E o que se faz se a Itália, por exemplo, não quiser respeitar essa grelha?

Não sei se vamos começar a ver aquilo que já aconteceu na Polónia. A abertura do Artigo 7º à Polónia foi muito corajoso e um sinal para vários Estados. Porém, é preciso ver o que estes atores partidários dizem em início e aquilo que depois fazem em termos de legislação. Muitos não ultrapassam essa linha.

### Mas a última cimeira europeia já resultou em vários relatos de como Roma tentou sabotar

### sucessivas conclusões sobre os migrantes e a reforma do euro.

Não era muito razoável olhar para recém-eleitos e achar que iam ao primeiro conselho ceder em toda a linha. Chegavam a Roma e eram linchados. Não ter Itália a bordo das reformas significa não ter reformas. Podem 18 querer reformas, um ficar de fora e elas vingarem? Não sei.

### A eleição de Macron parecia abrir uma janela para reformar o euro. Com as eleições europeias a aproximarem-se, essa janela está a fechar-se?

Não, porque o sinal que a Alemanha deu foi no sentido de ir ao encontro de algumas das reformas de Macron. Como tem acontecido nos EUA e em Inglaterra, a maior parte do alarmismo contra a deriva nacionalista vem dos atores económicos internos. As associações empresariais italianas são muito poderosas. Partidos muito implantados a Norte – como a Liga – e com uma base industrial muito grande podem entrar numa dissonância entre a agenda partidária e os agentes económicos que querem o euro. Nalguma altura terá de ser feito um cálculo político.

### Como tem visto Mário Centeno neste segundo papel de presidente do Eurogrupo?

Tem reputação técnica. Os Estados que estiveram na retaguarda da sua eleição quiseram perpetuar a história de sucesso Troika/pós-Troika. Portugal continua a ser olhado e vendido como um caso de sucesso das políticas de ajustamento e do progresso feito pelo Governo depois dessas políticas. É uma narrativa. A geringonça traz um condimento acrescido de venda exótica. Mário Centeno ajuda a consolidar esse processo.